



POR DENTRO DA ALMA DE BORRACHA

Com nova **mixagem de Giles Martin e 24 gravações de sessão** — 20 takes e **três demos inéditos** —, a **edição especial de “Rubber Soul”**, a ser lançada na semana que vem, **abre os arquivos do disco de 1965 quando os Beatles pararam de só vender discos e começaram a mudar a música.** O melhor exemplo é o take dois de “Norwegian Wood”, liberado antes do conjunto: **é a canção em que uma cítara comprada por George Harrison numa loja de Londres deixou a Índia entrar no rock.** Página 3

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Ana Clara Miranda/Divulgação

A ópera de Riper inspira-se na obra homônima de Martins Pena

‘O diletante’ em cartaz na UniRio

Parte do importante programa de formação “Ópera na UniRio”, coordenado por Carol MacDavitt, com direção musical de Guilherme Bernstein e direção cênica de Moacir Chaves, a ópera “O Dileitante” (João Guilherme Ripper) tem récitas de terça (22) a sábado (26) sempre às 18h na Sala Glauce Rocha (Avenida Pasteur 436). Inspirada na obra homônima de Martins Pena, é uma

divertida viagem ao mundo dos amantes do canto lírico, que, no século XIX, agitavam as temporadas com intervenções nada pacíficas nos teatros... Ripper, que atualizou o cenário para a Copacabana de 1950, escreveu o libreto em 2013, após assistir o Festival de Aix-en-Provence, quando muitas produções se espalhavam pela cidade. “É uma ópera para quem gosta de ópera”, define. Grátis

Para a criançada

O Festival Internacional de Linguagens traz um divertido espetáculo para crianças: a leitura musicada de “Larilá”, com libreto de Karen Acioly e partitura original de Arrigo Barnabé. A ópera, em processo de criação, conta a história do encontro entre a menina Larilá - uma vendedora de mariolas num sinal de trânsito no Rio de Janeiro- seu irmão João e um autor de livros infantis. Regência e direção musical: Guilherme Borges. Domingo (27), às 17 horas no Teatro 1 do CCBB (Rua Primeiro de Março 66, Centro) Ingressos a partir de R\$ 30,00.

Eu recomendo

O CD “Marcos Nimrichter (piano, acordeon e vocais) e Caio Márcio (violão e guitarra) – Radamés em Companhia” (Biscoito Fino) homenageia Radamés Gnattali. No repertório, clássicos como o “Estudo nº V” e “Perfume de Radamés” (Guinga). R\$ 62.

Choro na Carioca

A Orquestra Furiosa Portátil “ataca” os choros de Guerra-Peixe num divertido programa nesta quinta-feira (24) às 19h na Casa do Choro (Rua da Carioca 38, Centro), com regência de Pedro Aragão. Ingressos a R\$ 80.

Novos arranjos para Nazareth

Na Sala Cecília Meireles o grupo Tamoio apresenta novos arranjos para obras de Ernesto Nazareth (1863-1934), com Maria Teresa Madeira (piano), Emilia Valova (violoncelo), Antonio Guerra (acordeom), Alexandre Caldi (sax e flauta) e Nikolay Sapoundjiev (violino). Será nesta sexta-feira (25), às 19h, com ingressos a partir de R\$ 20.



Rogério Van Kruger/Divulgação



Divulgação

Cida Moreira planejou um novo show com Angela Ro Ro, mas a morte da amiga não tornou esse desejo possível

RoRonando para Angela

Um ano após a morte da cantora e compositora, Cida Moreira volta ao Rio com ‘Me Acalmo Danando – A música de Angela Ro Ro’ em duas noites de voz e piano dedicadas ao cancionário da amiga

AFFONSO NUNES

As ocupações musicais batizadas de Terças no Ipanema recebem nesta semana e na próxima a cantora e pianista Cida num emocionado tributo a Angela Ro Ro, morta em setembro do ano passado. O espetáculo “Me Acalmo Danando – A Música de Angela Ro Ro” é voz e piano, sem banda, sem cenografia, sem mediação.

A relação entre as duas vem de longe. Amigas desde 1978, quando ambas davam os primeiros passos em suas carreiras, a paulistana e a carioca dividiram palcos em dezenas de espetáculos ao longo de quase cinco décadas. Cida acompanhou Angela desde o primeiro show da carioca em São Paulo, e numa dessas viagens, em Belém do Pará, coube a segurar uma apresentação sozinha quando Angela, delirante, dizendo-se perseguida, quase não subiu ao palco.

O que era um delírio naquela noite tinha seu dundamento. Roro foi uma artista perseguida pelo preconceito, pela indústria, pelos escândalos fabricados em volta de uma mulher que foi pioneira ao levar o amor entre mulheres para a canção popular brasileira, sem pedir licença a ninguém.

Sua obra, porém, sempre superou os delírios alheios: “Amor, Meu Grande Amor”, “Compasso”, “Fogueira”, “Tola Foi Você” e “Balada da Arrasada” são clássicas e marcam presença no repertório de Cida, ao lado de “Mares de Espanha” e “Não Há Cabeça”, estampadas com o estilo dessa intérprete de uma teatralidade só sua no palco.

Cida conta que o show nasceu de uma promessa. “Quando Angela adoeceu, pensei que quando ficasse boa iria propor a ela mais um show comigo, pois já fazia muito tempo desde o último, e eu queria alegrá-la de algum modo. Mas tudo acabou... um abalo imenso e, também, o fim de uma bela amizade”, conta Cida. “Foram muitos anos;

quantos shows, viagens, conversas, diferenças, mas, acima de tudo isso, um amor e uma admiração enormes.”

Foram os amigos próximos, durante os meses de internação, que sugeriram que ela preparasse um repertório dedicado à obra da amiga. O resultado estreou no Rio em abril deste ano e já passou por palcos de São Paulo e do Sul. “Foi uma cumplicidade mágica, que me alimenta e traz um prazer poderoso. Vou me sentar diante de um piano para tocar as belezas que ela criou e cantar com paixão as canções tão lindas que escreveu. Serei sua cantora, sua cúmplice, sua aprendiz.”

Mas de modéstia ela não oreisa. Aos 73 anos, Cida é figura icônica da cena underground paulistana, com quase cinco décadas de carreira marcadas pela intensidade cênica e pela fusão entre performance teatral que teve início em 1977 no teatro, em “A Farsa da Noiva Bombardeada”, de Alcides Nogueira, com direção de Marcio Aurélio, e nunca mais abandonou o palco nem a visceralidade cênica.

SERVIÇO

CIDA MOREIRA - ME ACALMO DANANDO - A MÚSICA DE ANGELA RO RO
Teatro Municipal Ipanema
Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes)
22 e 29/9, às 20h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Reedição revela, a cada take, a evolução de um edifício sonoro

Disponibilizada nesta semana, segunda versão da canção-chave de 'Rubber Soul' integra a Edição Especial do álbum, que reúne 24 gravações de sessão — 20 takes e três demos nunca ouvidos — e chega em outubro com nova mixagem de Giles Martin e Sam Okell

AFFONSO NUNES

Em 2 de outubro, os Beatles abrem os arquivos de seu estúdio mais decisivo. Chega às lojas a Edição Especial expandida de "Rubber Soul", o disco de 1965 em que a maior banda pop do planeta deixou de ser apenas isso e se tornou, diante dos microfones, outra coisa: artistas em pleno aprendizado de liberdade. A coleção reúne 24 gravações das primeiras sessões — 20 takes inéditos e três demos caseiras nunca ouvidos —, além da nova mixagem estéreo assinada por Sam Okell e Giles Martin - o filho de George Martin, o fiel escudeiro e dos Beatles em estúdi - da mixagem mono original, da versão lançada pela Capitol nos EUA e do single da época, "Day Tripper"/"We Can Work It Out".



Imagem dos Beatles no estúdio durante a gravação de 'Rubber Soul'

“Quando estávamos trabalhando em 'Norwegian Wood', faltava algo à canção, e tudo aconteceu de forma bastante espontânea. Peguei a cítara e, de algum jeito, encontrei as notas. Colocamos a música para tocar, pareceu bem encaixado, e foi isso”

GEORGE HARRISON

E, antes da chegada do conjunto, a UMG e a Apple Corps Ltd. vêm adiantando faixas de peso: depois de "Michelle (Take 1)", no anúncio da coleção, em 29 de julho, e de "Day Tripper (Songwriting Work Tape)", foi a vez de "Norwegian Wood (This Bird Has Flown) (Second Version - Take 2)" — tal-

vez a mais reveladora de todas.

Para quem cresceu ouvindo os quatro de Liverpool — e há milhões de nós, espalhados por gerações sucessivas, das vitrolas das décadas de 1960 e 1970 às playlists das plataformas digitais —, ouvir um take alternativo de "Norwegian Wood" é se deparar com a alma da banda no

instante exato em que ela começou a se arriscar musicalmente, hoje o maior legado do grupo.

A primeira versão da canção, então batizada apenas de "This Bird Has Flown", foi registrada no primeiro dia de sessões de "Rubber Soul", com George Harrison experimentando sua recente descober-

ta, a cítara. A banda não ficou satisfeita com o resultado. Nove dias depois, voltou ao estúdio e gravou outras três performances. No take dois agora revelado, a faixa um carrega o violão de John Lennon, o baixo de Paul McCartney, a bateria de Ringo Starr e George pontuando notas de bordão na cítara; nas faixas dois e três, ele acrescenta mais camadas do instrumento, e os vocais de John e Paul entram na terceira. E há um detalhe que muda tudo para quem conhece a versão final de cor: em vez de abrir com a melodia instrumental do verso, o arranjo começa com a cítara em dois canais desenhando a melodia da ponte — como se a cortina subisse antes da hora, antecipando o clímax.

O uso do instrumento é fruto de uma sucessão de acasos. George chegara ao som da cítara durante as filmagens de "Help!" e, numa conversa com David Crosby, dos Byrds, em Los Angeles, ouviu falar pela primeira vez da música de Ravi Shankar — o que o levou a explorar as gravações do indiano. "Aquele tipo de música me soava muito familiar", lembrou George. "Naquela época, eu tinha comprado uma cítara barata em uma loja chamada Indiacraft, em Londres. Quando estávamos trabalhando em 'Norwegian Wood', faltava algo à canção, e tudo aconteceu de forma bastante espontânea. Peguei a cítara e, de algum jeito, encontrei as notas. Colocamos a música para tocar, pareceu bem encaixado, e foi isso", disse tempos depois.

E o prazer maior desta edição especial é a escuta comparativa. Cada canção de "Rubber Soul" emerge ao ouvinte em múltiplas versões: violões mais crus, vozes ainda buscando seu lugar, variados arranjos de uma obra em aberto, com muitas decisões por tomar. Ouvir os takes em sequência é uma maneira de acompanhar o pensamento estético-musical da banda que revolucionou o século 20 ganhando forma. É o prazer de ver um clássico sendo gestado. O take dois de "Norwegian Wood" aparece nas versões Super Deluxe e Deluxe do conjunto, que já pode ser reservado em pré-venda na UMusic Store.

Lançado originalmente em 3 de dezembro de 1965, "Rubber Soul" fechou um ano notável em que John, Paul, George e Ringo alcançaram o auge artístico e comercial — e, ao mesmo tempo, revelou uma banda disposta a ir além das convenções do pop, com uma abordagem mais ousada de composição e de gravação. O álbum é a espinha dorsal que liga a febre da beatlemania às experimentações que se seguiriam em "Revolver" e "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band".

Nada disso, porém, substitui o prazer de voltar a 1965 e ouvir uma banda descobrindo, take a take, que podia ser qualquer coisa que quisesse até mesmo tornar-se o maior grupo musical de todos os tempos.

ENTREVISTA | ALBERT SERRA

CINEASTA

Alex Abriú/SSIFF



‘O cinema do futuro fará você acreditar no impossível’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Xodó do momento da crítica internacional, sobretudo da revista “Cahiers du Cinéma”, Albert Serra está de volta ao Festival de San Sebastián, dois anos depois de ter conquistado a Concha de Ouro com “Tarde de Solidão” (“Tardes de Soledad”, hoje na plataforma MUBI), a fim de inundar as telas da Espanha com a sinestesia de “Seize Moments De Ma Vie”. Este ensaio documental musical se desenha a partir de performances canoras da diva alemã Ingrid Caven, musa do cinema de Rainer Werner Fassbinder (1945-1982), diante da banda Molforts, de Banyoles, numa apresentação de dimensão catártica e anárquica. Aos 86 anos na época da filmagem, Caven (hoje com 88) oferece ao catálogo um corpo atravessado pelo tempo, mas filmado sem qualquer intenção de embalsamá-lo. Avesso às fórmulas do cinema espanhol contemporâneo e pouco interessado em reivindicar filiações, Serra atravessa um momento de projeção internacional ampliada por sucesso de seu “Pacification” (2022). Neste papo com o Correio da Manhã, o realizador antecipa detalhes de sua nova ficção, “Out of This World”, com Riley Keough e F. Murray Abraham, e analisa o porvir da linguagem cinematográfica.



Existe uma espécie de casamento artístico entre seu olhar e o de Artur Tort, seu fotógrafo assinatura. Como essa conexão funciona na prática?

ALBERT SERRA - Oitenta por cento, talvez 90%, ou mais, das pessoas com que trabalho fizeram seu primeiro longa-metragem comigo. Isso é muito diferente do que acontece com a maioria dos diretores, que trabalham com profissionais que já fizeram filmes com ou-

tras pessoas. Os meus começaram comigo. Eu também comecei com eles. Tenho uma maneira de fazer cinema bastante peculiar, muito pessoal, e eles se formaram dentro desse contexto. Com Artur, isso acontece de uma forma ainda mais intensa. Talvez seja a pessoa com quem tive uma relação pessoal mais profunda no processo criativo. Desde o início, ele fez comigo não apenas fotografia, mas também montagem. Portanto, compreendeu uma questão que hoje conside-

ro essencial: um diretor de fotografia que não entende de montagem serve para muito pouco. A luz, no futuro, até a inteligência artificial poderá preparar. Você poderá pedir referências dos grandes, como Vilmos Zsigmond, Gordon Willis, Conrad Hall, Jack Cardiff, e a IA vai te dar. Mas o importante é: o que você está filmando e por quê? Artur compreendeu isso desde o início. Por isso entende o cinema de maneira diferente, um pouco mais profunda. Nem precisamos

conversar muito. Não gosto de falar demais com as pessoas no set. É como Clint Eastwood trabalhando sempre com a mesma equipe: cada um já sabe o que precisa fazer. Isso cria uma autoconfiança muito grande e a sensação de que estamos imbuídos de uma missão artística.

O corpo já era central em “Tardes de Soledad”, tanto o dos touros quanto o do toureiro Reinaldo Roca Rey. Em “Seize Moments De Ma Vie”, existe o corpo de Ingrid Caven, uma mulher de 86 anos diante da câmera. Como filmar uma diva como ela?

É um processo que envolve dialogar com algo inevitável: a passagem do tempo. Quando rodamos, Ingrid tinha 86 anos; agora tem 88. Queira ou não, isso pairava sobre todos nós, sobretudo sobre ela e sobre mim. Existe alguma coisa de crepuscular, de fim de uma era. Isso me interessava, mas, ao mesmo tempo, eu não queria cair na nostalgia de um corpo passado ou de uma vida passada. Queria destruir um pouco essa nostalgia. Por isso, a música que preparei para Ingrid, feita pelos músicos que sempre trabalharam comigo, é mais vanguardista. Uma etapa termina, mas outra começa. Ela está começando uma carreira nova. Logo, o que me interessa, a partir dela, é pensar o futuro... o futuro desse corpo. Quando você pensa assim, filma de outra maneira. Não há fetichismo nem nostalgia. Há algo novo.

O cinema também parece viver uma espécie de momento crepuscular. Mas

seus filmes não olham para ele com nostalgia. Onde está o futuro do cinema?

Há um aspecto que as pessoas valorizam pouco e que, com o meu sistema, percebi ser fundamental: a direção de atores. Com o cinema digital e com a minha maneira de construir a mise-en-scène, podemos trabalhar com atores de forma muito original. Gosto de levar ao extremo uma contradição: quero que os atores sejam o mais artificiais possível e, simultaneamente, o mais orgânicos possível. O artificial estaria ligado à fantasia, enquanto o orgânico estaria associado ao realismo, quase ao hiper-realismo. O cinema do futuro fará você acreditar no impossível... e o fará por meio de atores de enorme precisão.

Foi isso que procurou com Reinaldo Roca Rey em “Tardes de Soledad”?

Sim. A tauromaquia já possui essa característica. É extremamente codificada, artificial, estilizada, mas, ao mesmo tempo, profundamente orgânica porque existe o perigo da morte.

Você parece uma ave rara no cinema contemporâneo. Sente-se pertencente a alguma genealogia cinematográfica?

Existe a genealogia daqueles que não têm genealogia. Buñuel, por exemplo. Quem influenciou Buñuel? Ninguém. E quem conseguiu realmente copiá-lo? Ninguém. São personalidades únicas, muito difíceis de imitar. Essa é a minha genealogia: fazer um cinema muito pessoal, que, quando você olha de perto, percebe que não tem uma influência direta e que também não pode influenciar facilmente outras pessoas, porque não é possível copiar o que faço. É particular demais. As minhas influências são mais de atitude do que de conteúdo. O cinema dos anos 1960 me influencia porque gosto do espírito daquela década. Havia mais desejo de vanguarda, mais iconoclastia. Fui influenciado pela atitude dos artistas autênticos, não por uma filiação cinematográfica concreta. Na prática, a literatura me influencia muito mais.

Quando veremos “Out of This World”, sua nova ficção?

Termino a montagem em 15 de novembro, depois de um processo particularmente complexo diante da quantidade e heterogeneidade do material rodado. O filme está ambientado no princípio da guerra da Ucrânia. É sobre os Estados Unidos e a Rússia num conflito econômico. Posso dizer que a atuação de F. Murray Abraham é das melhores de sua carreira.

Nem Milei detém a glória de ‘Glaxo’

Produzido pela brasileira RT Features e rodado em solo gaúcho, o novo longa de Benjamín Naishtat pode dar a Concha de Ouro a ‘nuestros hermanos’ apoiado em mais uma atuação impecável de Marcelo Subiotto

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Rodada no Rio Grande do Sul, sob a produção da RT Features de Rodrigo Teixeira (grife por trás de “Ainda Estou Aqui”), o misto de thriller e drama geracional “Glaxo” tem fortes chances de dar ao argentino Benjamín Naishtat a Concha de Ouro do 74º Festival de San Sebastián num momento onde toda vitória em prol do cinema de sua pátria representa uma afronta ao método Javier Milei de silenciar uma cultura. Cultura essa que ganhou duas vezes o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro (com “A História Oficial” e “O Segredo Dos Seus Olhos”) e segue firme na luta contra a destruição da porção mais famosa indústria audiovisual.

Sua consagração, por um roteiro artebatador, que se baseia na prosa de Hernán Ronsino, passa por uma recriação da década de 1950, numa fase de jugo ditatorial (em 1957) na qual um policial corrupto até a medula, apoiado num estado conservador, abusa da inocência de um adolescente. Esse ser desprezível, Ramón Folcada, que se tornou “O” personagem, em meio à fauna de tipos do evento espanhol, amplia o prestígio internacional de seu intérprete, o ator Marcelo Subiotto, uma espécie de novo Ricardo Darín, que evoca Gene Hackman em seu jeito de compor a Maldade.

“Ele é mau como Lady Macbeth, mas não é um tipo específico



Apoiado na excelência da vilania contruída por Marcelo Subiotto, ‘Glaxo’ honra a boa tradição do cinema argentino em San Sebastián

do nosso tempo”, disse Subiotto ao Correio da Manhã em San Sebastián, onde saiu laureado em 2023 por sua atuação em “Puan”, também de Naishtat. “A criação de Folcada contou com a sugestão de Benji de recorrer ao cinema noir”.

Fotografado por Pedro Sotero (de “O Som ao Redor”), “Glaxo” começa em 1984, com dois amigos numa sala de projeção de Chivilcoy, uma província argentina, vendo “Exterminador do Futuro”, sem entender o enredo sci-fi filmado por James Cameron. Num papo entre ele, abre-se a prerrogativa de imersão em lembranças antigas, dos anos 1950, com a mácula de uma traição. É onde entra Folcada e suas presepadas.

“Cresci com a cinefilia do VHS

dos anos 1980 e sou fanático pelo Exterminador. O que mais me surpreende é notar que consegui ter imagens desse cult num filme argentino. No romance de Ronsino, as pessoas assistem a um faroeste. Mas, quando eu fui rodar o longa, pesquisei o que se passava no cine que havia em Chivilcoy, na metade da década de 80, e encontrei o longa de Cameron”, disse Naishtat, ao Correio da Manhã.

Em 2017, “Vermelho Sol” (“Rojo”) deu a ele o troféu de Melhor Direção em San Sebastián, além de ter valido um prêmio para Sotero. “Glaxo” pode repetir esse placar e, quiçá, dar uma láurea extra a Subiotto. A ruindade de Folcada, capaz de evocar a bestialidade do

xerife Little Bill de Gene Hackman em “Os Imperdoáveis” (1992), chega a seu apogeu de toxicidade no momento em que ele manipula o jovem Miguelito Barrios (Joaquín Bonadeo). Seu interesse é fazer com o rapaz vigie sua esposa, Miranda (Lali Espósito, em firme interpretação). Só não podia esperar que o garoto viesse a se apaixonar por ela.

Essa problemática, que ajuda a revisitar a História da América do Sul sob a ótica de nuestros hermanos de Argentina encantou o Festival de Toronto, aonde a RT levou “Glaxo” antes de se deixar aplaudir em San Sebastián.

“É importante nos relacionarmos com a América Hispânica, pois também somos latinos, apesar de fa-

lar outra língua”, diz Rodrigo Teixeira, que destaca o papel de Naishtat no rol de diretores que produziu, onde figuram James Gray, Dominga Sotomayor, Noah Baumbach, Robert Eggers e Walter Salles. “Benjamín é um cinéfilo e eu aprendo muito com ele”.

O único dos concorrentes à Concha de Ouro mais badalado do que “Glaxo” é o sombrio resgate de época meio alemão, meio polonês “Kruks”, centrado numa onda de suicídios em um vilarejo germânico em meio à II Guerra Mundial. A premiação de San Sebastián será anunciada neste sábado, a partir de deliberações de um júri presidido pelo cineasta Ira Sachs, com Alice Braga de jurada.

Costa Rica em marcha

Quatro anos de colecionar prêmios, entre os festivais de Locarno e San Sebastián, com “Tinho Sonhos Elétricos” será exibido pelo CCBB-RJ nesta quarta, às 18h30, no abre da mostra “Soy Loco Por Ti, Centro América”, ao mesmo tempo em que sua diretora, Valentina Maurel, volta a encantar Donostia.

Dínamo do cinema da Costa Rica, ela defende sua pátria numa seção paralela do SSIFF, Horizontes Latinos, com “Simpre Soy Tu Animal Materno”. Na trama, Elsa, de 28 anos, que passou um longo tempo na Europa, retorna para a América Latina e se reencontra com sua irmã mais nova, Amalia, de 20, que está se deixando levar



Daniela Marín Navarro e a diretora Valentina Maurel, diretamente da Costa Rica para as telas de Donostia

por um caminho tão esotérico quanto existencial. Enquanto seu pai, Nahuel, busca segurança por meio de uma série de conquistas românticas e sua mãe, Isabel, dedica-se à reedição dos poemas eróticos de sua juventude, Elsa hesita. Deve tentar salvar uma irmã que se recusa a ser salva.

“É duro ser embaixadora nas telas de um país desmistificando a imagem que essa nação almeja dar ao mundo, presa a antigos valores”, disse Valentina ao Correio da Manhã em San Sebastián. “Tento fazer um retrato feminista da maternidade nesse filme”. (R.F.)

Roberto Carneiro/Divulgação



Sozinho em cena, Jefferson Schroeder costura uma trama com as 17 vozes que o tornaram um fenômeno de audiência nas redes sociais

17 vozes para dizer adeus

Viral nas redes, Jefferson Schroeder reúne personagens criados em anos de internet no monólogo 'Onde estão as pessoas que você amou', dirigido por João Fonseca

AFFONSO NUNES

Precisou de um vídeo de bastidores ao lado de Fábio Porchat para o público descobrir Jefferson Schroeder, o "homem das mil vozes". No viral, o ator apresentava Kate, uma dubladora com o bordão "Oh, meu Deus", e saiu dali com milhares de fãs da noite para o dia. Da internet para o palco do Café Pequeno, no Leblon, ele apresenta até 30 de setembro o monólogo "Onde estão as pessoas que você amou", comédia dirigida por João Fonseca.

"É a primeira vez que eu reúno muitos dos meus personagens em uma peça de teatro. São 17 vozes",

conta Schroeder, ator e dramaturgo do espetáculo, que conta a história de um neto que visita a avó convidada a celebrar o último aniversário da própria vida. Comovido com o encontro, o jovem recria com a própria voz um universo de personagens que preenchem a solidão da senhora.

"Para essa comédia, eu e o João Fonseca tivemos a imaginação do público como ponto de partida. A primeira pergunta que faço é: 'Se eu pedir para vocês imaginarem, vocês imaginam?'. O jogo é proposto de uma forma muito crua: poucos elementos de cena, pouca trilha musical, poucas mudanças no cenário e um figurino inspirado em uma roupa de ensaio preta. A partir dessa imagem de um ator em um palco

cru, começa a contação da história, conduzida pelas vozes de cada um dos 17 personagens", explica.

Na dramaturgia, o desafio foi levar personagens que ele já fazia no Instagram (@schjefferson), sem ligação entre si, para uma história lógica em que todos acabam se conhecendo. Na cena, são as trocas rápidas de uma voz para a outra, que também transformam o corpo. "Há um momento em que todos os personagens estão em cena, enquanto eu estou sozinho para dar vida a todos eles — incluindo a avó, que sou eu também que faço", conta.

O coração da peça, porém, está fora do palco. "O assunto é relacionado às minhas avós que já faleceram e a saudade que sinto delas. O monólogo é a expressão do meu desejo de entender para onde elas foram e como faço para reencontrá-las. No texto há vários elementos das memórias da minha infância e da vida de cada personagem que criei ao longo dos anos", relembra o ator.

As mortes das avós o marcaram "de uma forma profunda e eterna", com a sensação de que elas sumiram de repente, sem boa explicação. Daí a ideia de criar "um planeta para onde foram as pessoas que morreram na

“*Há um momento em que todos os personagens estão em cena, enquanto eu estou sozinho para dar vida a todos eles — incluindo a avó, que sou eu também que faço***”**

JEFFERSON SCHROEDER

Terra". "A morte é um grande enigma para mim, com diversas respostas possíveis. Essas pessoas, tão cheias de detalhes, morrem, são subtraídas daqui da Terra... e vão para onde? Para

um outro planeta? Ainda não sei, tento responder trazendo-as à vida novamente, nessa peça. E agora posso reencontrá-las no palco, enquanto faço suas vozes e revivo as memórias que tenho delas."

A peça carrega a marca de uma parceria premiada: "A produtora e a gaivota", primeiro solo de Schroeder, venceu nas categorias Melhor Texto e Melhor Performance no Prêmio do Humor do Rio de Janeiro.

É o segundo monólogo dos dois juntos e o terceiro trabalho em comum. "Eu e o João temos uma relação muito amigável. Funcionamos como um único cérebro pensante, resultante desse encontro. Com ele tenho liberdade para dizer como me sinto e o que desejo, e ele me dirige a partir do que funciona para mim. Decidimos juntos os melhores improvisos que devemos manter; ele tem a permissão de me olhar de fora, e eu de me olhar por dentro."

Formado pela Casa das Artes de Laranjeiras, Schroeder atuou por seis anos na companhia OmondÉ, de Inez Viana, e em montagens dirigidas por Felipe Hirsch e Gerald Thomas. Na TV, passou por "Se Joga" e "Big Brother Brasil 19", da Globo, e por produções da Netflix como "Acorda, Carlo!" e "B.O.". No cinema, está em "Minha Mãe é uma Peça" e "Cabras da Peste 2", entre outros, e é autor do livro "O Ponto".

SERVIÇO

ONDE ESTÃO AS PESSOAS QUE VOCÊ AMOU

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon)

Até 30/9, terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)



O que o Rio ainda pode **vir a ser**

Exposição
'Vir a Existir'
reúne obras
de 40 artistas
no casarão do
Museu Histórico
da Cidade

AFFONSO NUNES

Uma coletiva de 40 artistas ocupa a partir o casarão do Museu Histórico da Cidade, no alto do Parque da Cidade, na Gávea. Com curadoria de Julie Brasil, "Vir a Existir" faz do Rio de Janeiro o centro da mostra, mas não o lado cartão-postal da cidade, mas o Rio da arquitetura, da natureza, da religiosidade, da cultura popular e do cotidiano.

Inaugurado em 1934, o museu preserva a memória da cidade que foi capital da colônia, do império e da república, e guarda um acervo de cerca de 24 mil peças — gravuras, aquarelas, fotografias e objetos que narram sua história desde 1565. No espaço que contou o que a cidade foi, a curadoria de Julie Brasil pergunta o que ela ainda pode ser.

"Existir é colocar-se para fora, aparecer no mundo. Mas antes de



existir, é preciso inventar. Entre o achado e a invenção há uma dobra: tudo o que se inventa já estava ali, à espera de um olhar disposto a tropeçar nele. O que, em você, está por vir a existir?", questiona Julie Brasil.

O destaque nasceu de uma encomenda impossível de repetir: Marcelo Albagli criou para o vão da escada do casarão uma instalação site specific em que uma grande pedra desenhada sobre papel gampi



— o fino papel japonês que ele vem explorando em obras como "Kitakata" — parece flutuar no ar. A pedra, a escada antiga e a luz da Gávea se encontram num equilíbrio que



Fotos/Divulgação

O Rio de Janeiro está no centro da mostra — não o dos cartões-postais, mas o da arquitetura, da natureza, da religiosidade, da cultura popular e do cotidiano



nos faz pensar.

A geração que abre caminho na mostra carrega a trajetória da arte carioca nas costas. Luiz Aquila, 83 anos, pintor que entre 1979 e 1986 ensinou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e se tornou orientador artístico da Geração 80, apresenta trabalhos de sua investigação da cor e da luz. Milton Machado, de 79, formado em arquitetura antes de se voltar à investigação concei-

tual, e autor há três décadas da série "História do futuro", sobre uma cidade fictícia, empresta seu olhar de quem desenha o urbano como ficção. John Nicholson completa o núcleo dos veteranos, ao lado de nomes de novas gerações: Adriana Macedo, Alvaro Seixas, Ana Bárbara, Ana Regal, Bruno Miguel, Felipe Ocosta, Joana Kieppe e Toko, entre outros.

Os mais jovens respondem pela parte mais territorial da exposição. Ana Bárbara observa há tempos a transformação imobiliária da própria Gávea e leva ao museu esse olhar de dentro. Bruno Miguel, Álvaro Seixas e Toko seguem por caminhos diversos, do humor ao registro do sagrado popular. A soma forma, na definição da curadoria, um inventário poético da cidade e de seus habitantes.

A ligação entre os 40 nomes passa pelo Cedro da Gávea, ateliê e espaço de formação dirigido por Beth Rocha, onde professores e alunos cruzam rotina de oficina e produção autoral. A mostra integra ainda o Circuito Gávea da ArtWeek Rio / Semana de Arte do Rio, que espalha iniciativas culturais pela cidade durante a semana das feiras.

SERVIÇO

VIR A EXISTIR

Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (Estr. Santa Marinha, s/nº, Gávea)
Até 8/11, de terça a domingo (9h às 16h) | Grátis

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Volta, Sol!

Há mais de quinze dias o Rio parece ter esquecido de si mesmo. O céu amanhece cinza. Continua cinza. E termina cinza. Uma chuva miúda, insistente, dessas que não chegam a ser tempestade, mas também não deixam a cidade respirar. O carioca olha para cima, procura uma nesga azul e não encontra. Abre o aplicativo do tempo. Nada. Chuva. Mais chuva. Talvez chuva. E vai ficando meio triste.

Porque carioca sem sol é quase uma contradição geográfica.

A praia fica com pouca gente. As cadeiras recolhidas. O calçadão perde seus corredores, seus ciclistas, seus caminhantes. Os corpos desaparecem das areias. Os óculos escuros dormem nas gavetas. O mate não circula com a mesma alegria. Até o cachorro parece passear mais depressa, como se quisesse voltar para casa. Há uma certa apatia espalhada pela cidade.

O trânsito parece mais pesado. As pessoas falam menos. O sorriso demora. O dia começa sem começar. O relógio anda, mas o Rio parece parado. Talvez porque a gente tenha aprendido a medir o tempo pela luz. O carioca não precisa olhar o calendário. Basta olhar o céu. Sabe quando é manhã pela maneira como o sol bate no Cristo. Reconhece a hora pelo brilho nos prédios de Botafogo. Sabe que a tarde chegou quando a luz dourada se deita sobre Ipanema. E conhece o entardecer antes mesmo que o horizonte fique vermelho.

O sol é nosso relógio. Nosso despertador. Nossa decoração. Nossa fotografia. Sem ele, a Cidade Maravilhosa perde um pouco da sua cor. As montanhas ficam distantes. O mar, metálico. As fachadas, sem brilho. O verde das árvores parece mais escuro. Até o azul, essa cor tão carioca, parece ter sido levado pela chuva.

Adriana Calcanhotto percebeu isso antes de nós: "...cariocas não gostam de dias nublados". Não gostam mesmo. Porque o Rio foi feito para a luz. Para a sombra das folhas desenhada na calçada. Para o reflexo do sol no mar. Para a pele dourada depois da praia. Para a fotografia contra o céu aberto. Para o Cristo recortado na claridade. Para o Pão de Açúcar surgindo nítido atrás da janela. O sol acende a cidade. Acende as cores. Os rostos. As montanhas. Os desejos.

Com ele, o carioca muda de humor. Sai de casa. Caminha. Pedala. Corre. Nada. Encontra amigos. Senta-se numa mesa de bar. Vai à praia mesmo que seja só para molhar os pés. Fotografa o horizonte como se fosse a primeira vez. É como se o sol devolvesse à cidade uma espécie de confiança.

Por isso, nesses quinze dias de cinza, há uma espera silenciosa espalhada pelas janelas. O carioca olha para o céu. Espera. Um pequeno azul aparece entre as nuvens. Depois outro. E, de repente, uma lâmina de luz atravessa a paisagem. Pronto! O Rio volta.

A praia respira. O mar brilha. As montanhas reaparecem. As pessoas sorriem. A cidade ganha volume, cor, movimento.

E alguém, certamente, vai dizer: "Até que enfim!". Porque aqui, onde a beleza depende tanto da luz, o sol não é apenas uma estrela. É um estado de espírito.

Volta, sol! O Rio está com saudade de ser Rio.

